



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

CLASSE HOSPITALAR: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFAC

Giane Lucélia Grotti¹
Joseane de Lima Martins²

1.Introdução:

Visando atender ao que dispõe as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Pedagogia (Resolução CNE/CP Nº 1, DE 15 de Maio de 2006) em que trata dentre outras coisas, do trabalho realizado pelos/as pedagogos/as em ambientes não escolares, é que desde o ano de 2012 o Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Acre passou a oferecer como parte integrante da formação de seus acadêmicos o componente curricular: Atendimento Educacional a Crianças Hospitalizadas.

Trata-se de uma disciplina teórico-prática, entendendo que a atuação docente no ambiente hospitalar nas Classes Hospitalares. Até chegar a formatação atual esse tipo de atendimento educativo e pedagógico teve um percurso histórico o qual apresentaremos a seguir, evidenciando brevemente a legislação que o estruturou. Para tanto, a abordagem metodológica que adotamos foi baseada em Lüdke e André (1986, p.29) “a pesquisa qualitativa em educação enfatiza o processo, aquilo que está ocorrendo e não o produto dos resultados finais”. Em consonância com Bogdan e Biklen (1994) o percurso investigado permite a coleta de informações e na medida em que estas são analisadas um novo percurso pode ser criado, considerando o objetivo do trabalho.

O surgimento da Classe Hospitalar se deu em 1935, em Paris objetivando atender as crianças internadas em hospitais melhorias em seus aspectos sociais, psicológicos e biológicos. A partir desta experiência, outros países iniciaram uma

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal do Acre. Email:gianegrotti@uol.com.br.

² Professora Assistente da Universidade Federal do Acre. Email: joseanelimamartins@gmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

proposta de atendimento de cunho mais pedagógico. Com a Segunda Guerra Mundial, o número de crianças mutiladas se multiplicou o que levou a ampliação do atendimento escolar no âmbito hospitalar.

No Brasil, a primeira iniciativa de atendimento pedagógico hospitalar ocorreu no Hospital Municipal Jesus, no Rio de Janeiro no ano de 1950. Neste momento, as atividades desenvolvidas com as crianças e adolescentes estavam sob a responsabilidade dos profissionais de saúde e somente em 2002 é que a Secretaria de Educação Especial regulamenta esta modalidade de atendimento (MAGALHÃES, 2013).

A Classe Hospitalar permite oferecer meios necessários para que a criança e ou adolescentes que se encontram em estado de adoecimento, continuem a receber atendimento educacional durante o período de internação. Desta forma, é garantido o seu direito a educação conforme a Constituição Federal de 1988 (CF/88) em seu artigo 205 que destaca.

[...]direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

Assim sendo, mantém-se os direitos das crianças e adolescentes hospitalizados de forma a garantir-lhes os direitos fundamentais da pessoa humana: à vida, à saúde, à educação, sem discriminação, religiosa, racial, social, cultural e econômica.

Outro documento importante é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/1990) que baseado nos Direitos Universais da Criança (1959) e da própria CF/88 reafirma a necessidade e a maneira pela qual estes sujeitos devem ser tratados acima de sua condição na sociedade.

O Conselho Nacional de Educação (CNE) em conjunto com a Câmara de Educação Básica (CEB) aprovaram a Resolução nº 02 de 11/09/2001 que estabelece as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica “ênfatizando a universalidade do acesso da criança deficiente ao sistema regular de ensino, por intermédio da adequação deste para o pleno exercício do direito à educação” (MAGALHÃES, 2013 , p. 33).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Em seu artigo 13 a referida Resolução destaca o seguinte:

Art. 13. Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio. § 1º As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular. (BRASIL, 2001).

Nessa direção, compreende-se que a criança ou adolescente que se encontra internado, temporariamente, passa a ser considerado como deficiente, visto que, suas atividades cotidianas foram interrompidas.

Garantir a continuidade de seus estudos - marco legal - e evitar uma série de consequências decorrentes do período de internação como por exemplo: evasão, atraso, desinteresse dentre outros, a Classe Hospitalar procura dar continuidade as atividades a que o sujeito vinha desempenhando antes de seu estado de adoecimento.

2. Experiência da Classe Hospitalar em Rio Branco e Xapuri

Durante já algumas décadas a Classe Hospitalar vem conquistando o seu espaço muito sutilmente no campo educacional e da saúde. E para tal ação contamos com o profissional pedagogo. Este profissional vem se destacando e ampliando o seu campo de atuação para o ambiente hospitalar.

Ao iniciarmos nosso trabalho como docentes da disciplina Atendimento Educacional a Crianças Hospitalizadas era mais do que simplesmente atender a legislação, e sim, expandir outros olhares até então pouco contemplados.

O curso de Pedagogia da Universidade Federal do Acre saiu como um dos pioneiros nesse quesito, proporcionando expansão e difusão desse tipo de atendimento, ora somente realizado pela Secretaria de Estado de Educação do



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Estado do Acre, juntamente com a equipe do Dom Bosco.³ Acerca de 25 anos estas duas últimas instituições já vinham realizando este trabalho, e como já mencionado, foi a partir de 2012 com o cumprimento do componente curricular: Atendimento Educacional a Crianças Hospitalizadas, que estabelecemos a parceria com estas instituições.

Nesse sentido, Oliveira (2010) aponta que:

Por ser um campo educacional relativamente novo, pelo menos no que diz respeito ao seu reconhecimento legal (BRASIL, 1994), essa modalidade de ensino ainda enfrenta o desafio de construir sua própria identidade educativa. Há duas linhas de pensamento entre os pesquisadores que estudam esse campo educacional: uma delas defende o atendimento dentro do contexto da humanização das práticas hospitalares e, nesse sentido, deve prestar um serviço de auxílio à promoção da saúde da criança e adolescente hospitalizado, priorizando em sua prática as atividades lúdicas e recreativas; uma outra linha de pesquisa defende que ao atendimento feito na Classe Hospitalar esteja voltado para o cumprimento do currículo escolar e seja feito em parceria com a escola a qual a criança esteja matriculada. (OLIVEIRA, 2010, et al. p.77).

Após a efetivação da disciplina Atendimento Educacional à Crianças Hospitalizadas em Rio Branco tivemos a oportunidade ímpar de expandir para o interior do Estado, mas precisamente o município de Xapuri, momento em que é oferecido neste município o Curso de Pedagogia. Com o apoio do gestor do Hospital Epaminondas Jácome foi possível a concessão do espaço físico para que a disciplina pudesse ocorrer. Por meio da Diretoria de Apoio a Formação Acadêmica da Universidade Federal do Acre (DIAFAC) foi também garantido meios para a execução deste intento, formalizando por meio de documentos e reuniões entre as instituições – UFAC e Hospital.

As experiências que foram oportunizadas aos acadêmicos do Curso de Pedagogia no município de Rio Branco e Xapuri demonstraram possibilitadas de ampliação da atuação do/a pedagogo/a de perceber que *“mesmo enferma as crianças*

³ O Centro de Ensino Especial Dom Bosco, atende alunos com deficiência intelectual e física e autistas na cidade de Rio Branco. Instituição ligada a Secretaria de Estado de Educação. Oferece atendimento educacional especializado e capacitação para professores e a comunidade.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

estão sempre dispostas a fazer o que é proposto [...] algumas que não queriam jogar pegavam livros e pediam para que contássemos a história”. Em outro depoimento: “Ao expor no mural os trabalhos que as crianças fizeram foi notória a alegria que as crianças sentiam . Colocar seu desenho ali para que não somente os coleguinhas vissem, mas também os pais e acompanhantes. Coisa que nem sempre ocorre quando estão na escola, pois muitos pais não tem oportunidade de ver os trabalhos desenvolvidos por seus filhos”⁴

2.1 Pontuando alguns aspectos que devem pautar a atuação Pedagogo frente ao escolar hospitalizado

2.1.1 Conhecer a legislação

Podemos perceber que o trabalho do pedagogo ganhou novos rumos e não somente ficou restrito ao ambiente escolar Jesus (2010, p.82) “as possibilidades deste novo campo de trabalho do pedagogo é de extrema relevância para a legitimação profissional e o reconhecimento pelas políticas públicas”.

O trabalho pedagógico nesse novo campo de atuação ganha novas frentes há muitas novas perspectivas tão pertinentes e necessárias quanto tornar o hospital um ambiente de sofrimento e adoecimento algo inusitado e com boas expectativas.

A presença do pedagogo em hospitais, conforme aponta o presente estudo, é um tema que se encontra em processo de construção, porém já se garante socialmente em espaços acadêmicos, hospitalares e como não poderia deixar de ser representado pelas políticas públicas. Com isso, destaca-se mais uma vez, por meios das reflexões aqui apresentadas a relevância deste tipo de atuação em espaços hospitalares, numa perspectiva multi/inter/transdisciplinar. (JESUS 2010, p.89).

No ano de 2002 o Ministério da Educação juntamente com a Secretaria da Educação Especial (MEC/SEESP) intitulam as orientações tanto para o atendimento

⁴ Este trecho diz respeito as falas dos estagiários em relação ao trabalho pedagógico desenvolvido nos hospitais – Rio Branco e Xapuri. Tais encontram-se no Relatório Final da Disciplina.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Em relação ao jogo, atividade que compreende o estabelecimento de regras, historicamente considerado como uma manifestação dos interesses e necessidades das crianças e não apenas como distração. Segundo Kishimoto (1999), o jogo que pode ser utilizados como ferramentas metodológicas e na sua grande maioria ultrapassa as brincadeiras e se torna um instrumento eficaz para o ensino e aprendizagem.

Para que o jogo se torne um aprendizado com êxito é necessário que o educador como mediador de toda e qualquer ação pedagógica, permita que a criança escolha com qual quer brincar e ele mesmo possa ter influências positivas em reação ao desenvolvimento do jogo, sem ter o seu direito violado pelas regras do professor.

Para Vygotsky (2007) através das brincadeiras a criança desenvolve a imaginação, a memorização, a atenção, imitação ou seja, funções psicológicas superiores, além da socialização. Sabendo o educador associar o lúdico apoiado nas diversas situações didático-pedagógico do dia a dia do hospital contribuirá imensamente para a aprendizagem significativa.

É primordial que o professor utilize os jogos e as brincadeiras para desenvolver o lado cognitivo, a motricidade, a imaginação, a criatividade, a interpretação, as habilidades de pensamento, tomada de decisão, organização, regras, conflitos pessoais dentre outros. Segundo Kishimoto (1999):

Se considerarmos que a criança pré-escolar aprende de modo intuitivo, adquire noções espontâneas, em processos interativos, envolvendo o ser humano inteiro com suas cognições, afetividade, corpo e interações sociais, o brinquedo desempenha um papel de relevância para desenvolvê-la. (KISHIMOTO, 1999, p. 36).

Portanto, o brincar no hospital com a ludicidade bem dosadas se torna uma necessidade a ser inserida como parte integrante de uma proposta didático - pedagógica que fuja de normas e padrões , mas que se encaixe numa nova forma de ensinar tenha espaços para flexibilização ou adaptação curricular medidas que são necessárias no fazer pedagógico no hospital.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Convém considerar o que Ceccim e Fonseca (1999) afirmam sobre o brincar no hospital:

A classe hospitalar, como atendimento pedagógico educacional, deve apoiar-se em propostas educativo-escolares, e não em propostas de educação lúdica, educação recreativa ou de ensino para a saúde, nesse sentido diferenciando-se das Salas de Recreação, das Brinquedotecas e dos Movimentos de Humanização o Hospitalar pela Alegria ou dos Projetos Brincar é Saúde, facilmente encontrados na atualidade, mesmo que o lúdico seja estratégico à pedagogia no ambiente hospitalar. (CECCIM e FONSECA, 1999, p. 43).

O brincar no hospital não está isolado das atividades significativas de aprendizado nos moldes da escola regular. Há que se fazer a transposição didática dos conteúdos escolares aos do ambiente hospitalar. As propostas de atendimento educacional nos hospitais devem contemplar o brincar e não somente isso.

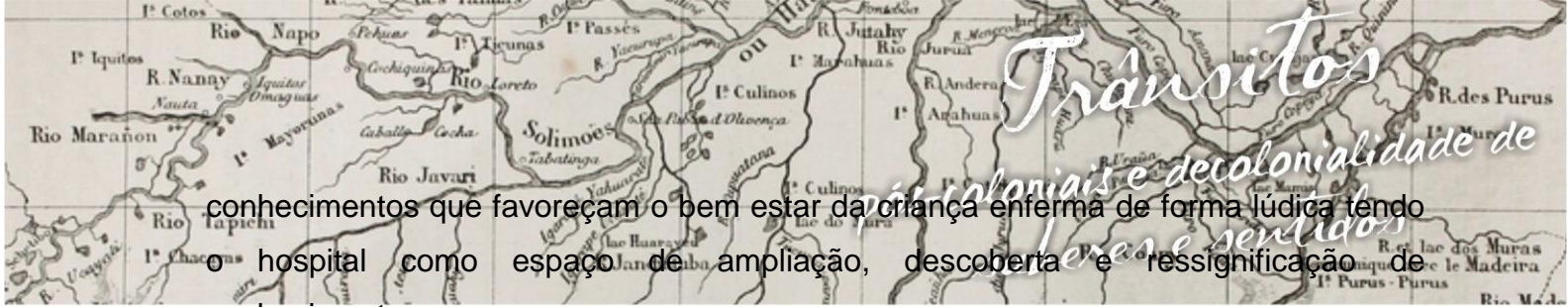
3. Conclusão

É preciso estar ciente de que a criança não deixa de ser criança mesmo estando doente. O paciente não pode invisibilizar a criança, diante disso, as atividades lúdicas devem contemplar o fazer pedagógico nos hospitais.

A implantação e implementação de classes hospitalares carece de uma melhor divulgação sobre esta ação que é um direito da criança. Além de direito, ela oportuniza evitar a desistência, evasão e repetência, visto que, a criança mesmo em estado de adoecimento deve continuar na medida de suas condições com seu cotidiano escolar.

As observações e análises apontam para a necessidade de um olhar sensível ao processo de adoecimento em que as crianças estão inseridas, de forma que exige do pedagogo uma proposta didático-pedagógica diferenciada da pedagogia tradicional.

Há o imperativo de se instituir uma pedagogia hospitalar visando construir



conhecimentos que favoreçam o bem estar da criança enferma de forma lúdica tendo o hospital como espaço de ampliação, descoberta e ressignificação de conhecimentos.

x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Referências bibliográficas:

ANTUNES, C. **O Jogo e a Educação Infantil**: falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir, fascículos15/ Celso Antunes. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei federal n. 8.069 de 13 de julho1990.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO-MEC. **Lei n. 9.394** de 20 de dezembro de 1996, Lei de diretrizes e bases da educação. Brasília DF: MEC, 1996.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Características da investigação qualitativa. In: **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Porto Editora, 1994. p.47- 51.

CECCIM, R. B. FONSECA E. Classe Hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. **Pátio** Ano 3 Nº 10 ago/ out 1999.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Editora Pioneira, 2003.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos, brinquedo, brincadeira e a educação**. Org: 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

VYGOTSKY, Lev S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Icone, 1988.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 7ª Ed. 2010.

